

EMÍLIO EIGENHEER E A REFLEXÃO FILOSÓFICA ACERCA DA MORTE A PARTIR DA OBSERVAÇÃO DE RESÍDUOS SÓLIDOS.

por *Paulo Faitanin* – Universidade Federal Fluminense.

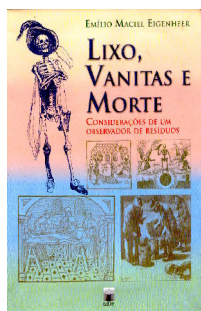


Dr. Emílio Eigenheer
Universidade do
Estado do Rio de
Janeiro

A morte é a evidência humana de uma experiência única, irrepetível e incomunicável. Seremos nós mesmos as testemunhas desta experiência inevitável. Tomás de Aquino atesta o teor desta experiência pelo fato da corruptibilidade do corpo, mas ressalta que isso não é o fim, pois a alma é imortal [*Sum. Theo.* I-II, q.85, a.6]. Em razão da vitória de Cristo sobre a morte, se esconde um valor revelador da morte para o homem. Contudo, nem Jesus, filho de Deus feito Homem, naquela madrugada no Getsêmani [Mt 26, 36-46] deixou de sentir em toda a sua força o pavor que a morte inspira ao homem; experimenta e exprime o desejo natural de escapar dela, embora o reprima pela aceitação da vontade do Pai. O

homem é chamado, a partir desta vida, a viver uma nova vida, cuja entrada definitiva exige-se o passar pela morte. Contudo, o homem teme a morte e, de certo modo, a cultura atual procura escamotear ainda mais este temor. Em nossos dias, o cultivo do efêmero nos acerca desta realidade. Mais e mais a produção humana, num viés equivocado, manifesta esta efemeridade. Tudo tem data de validade. Vale mais, quanto mais dura, e menos, quanto menos perdura. E nisso já se manifesta um certo desejo oculto que o homem tem do que dura e é estável. Certa saudade de Deus. A durabilidade gera certo pseudo-conforto e a caducidade, continuamente, o desperdício; e este a leviandade; coroando tudo: a vaidade. Vaidade e correr atrás do vento. O que está por trás desta ideologia? O consumismo com a cumplicidade de alguns setores da ciência. Tais setores, muitas vezes, tem-se tornado refém desta ideologia; especialmente quando a tecnologia é aplicada para a produção de bens de consumo que transcendem à necessidade: o supérfluo, o inútil por excesso. Revestidos de uma armadura financeira, estes setores da ciência têm apostado e investido no que é mais rentável e prático. Neste sentido é mais útil trocar o efêmero que investir, a longo prazo, no que permanece e é imorredouro. Onde reside a força do consumismo? *O consumismo assola propagando a efemeridade dos valores humanos e consola promovendo a saciação dos prazeres humanos.* O consumismo se fundamenta, pois, no *utilitarismo* [o útil pelo útil] e no *hedonismo* [o prazer pelo prazer]. O consumismo devassa a pessoa humana, pois esta passa a não ser mais considerada como um valor em si mesma, mas

como um valor relativo [E. Kant, *Metaf. dos Costumes*, II]. Isso no mínimo, a longo prazo, faz crer o homem ser ele mesmo um caniço de efemeridade e a apostar na própria efemeridade. E quando lhe vem a morte, repentinamente, ou, paulatinamente, o homem descobre o inevitável. Mas a morte do corpo não é o fim do homem, mas contra isso prega o consumismo, pois vê sua rentabilidade ameaçada, se o homem acreditar no infinito; então é preciso fazer-lhe crer que ele não existe. A grande estratégia desta ideologia é promover no homem, enquanto o homem está vivo, este sucessivo interesse no fugaz, como se esse lhe fosse o seu 'infinito': eterno enquanto dure, já disse o poeta. E se o homem crê, ele aposta e paga pelo bem estar e pelo novo, na posse do finito. De fato o novo fascina, mas não há novo que não se faça velho e velho que não tenha sido novo. A novidade se esvai por entre os dedos num piscar de olhos, pois *tudo passa rapidamente, mas somente Deus não passa*, como nos atesta a Teresa, que é de Ávila. Mas isso nos faz recordar também a célebre sentença do filósofo grego Heráclito [545-485 a.C]: *tudo flui à maneira de um rio* [Frg. 40]. O afã de viver o agora produz num instante o medo de encarar o futuro e uma incessante fuga do passado. A síndrome do pânico nos atesta isso em nossos dias, pois se criam inclusive nos que não aderem a este consumismo, certo medo de encarar o futuro que a atualidade oferece. Cria-se a pseudo-idéia de que é necessário viver intensamente o 'agora': *aproveite o momento fugaz* [*Carpe diem* - Odes de Horácio, 1,11,8].



O existencialismo propaga, de certa maneira, o consumismo, pela angústia e temor da morte no homem, cuja válvula de escape se encontra na justificação dos prazeres. Uma espécie de sublimação ao contrário. Porém, não há o 'agora' sem o antes e o depois. É contingência do real criado material. O 'agora' é presença do que fora futuro no passado e é projeto do que se idealizou no passado. No 'agora', quando de posse de seu bem, depois de utilizá-lo...que tristeza, tornou-se inválido, passou o tempo! Resta jogar fora e este se torna lixo...muitas vezes, produto de uma vaidade, vaidade cultivada por uma cultura do nada de valor. Eis que nisso impera o *niilismo*, como coroa desta tragédia da vida humana consumista. Como consequência imediata emerge o *relativismo* ditando normas: contraditório não? Mas é a plena verdade, pois como consequência o que há é uma ditadura do relativismo, ou seja, em que todas as opiniões valem o mesmo e, portanto, nada tem valor em si, senão somente em função dos votos que as respaldam [J. Nubiola, "La dictadura del relativismo", in: *La Gaceta de los Negocios* (Madrid), 4 de Junio de 2005]. Todas estas idéias me apareceram ao ler as páginas do livro do Prof. Dr. Emilio Eigenheer. Em

Lixo, Vanitas e Morte. Considerações de um observador de resíduos. Niterói: Eduff, 2003, o autor consegue conciliar a estatística com a reflexão filosófica. O mérito do autor é conseguir com clareza e objetividade alinhar toda a constatação de uma cultura fugaz, a partir de considerações dos resíduos, do lixo, ao mesmo tempo em que promove a necessidade de uma contínua educação ambiental, pauta na responsabilidade moral-ecológica. Ele nos atesta esta contínua degenerescência. Com um olhar crítico, sem tabus e preconceitos, o autor analisa filosoficamente aquilo do que se escondem os nossos olhares. Em última instância, o desperdício torna-se o produto de nossa vaidade, enquanto é a nossa própria degenerescência. Em poucas palavras, o autor assim se nos descreve o seu trabalho: *Se é plausível a tese de que a modernidade ocidental procurou, paulatinamente, se esconder do drama da morte em seu cotidiano, seja com a profissionalização das estruturas médico-hospitalares e cemiteriais, seja pelo esforço do 'sempre novo' da era do consumo, é possível que o lixo, por sua quantidade e complexidade, apareça (ao nos remeter à degenerescência de nossas produções e do nosso corpo) como ameaça desse esforço de esquecimento da morte, devendo ser por isso mantido, apesar das dificuldades crescentes, afastado e neutralizado, inclusive através do uso de uma nova linguagem e práticas tecnológicas.* A Aquinate agradece ao Prof. Dr. Emílio Eigenheer pela densidade filosófica das páginas de seu livro.

ENTREVISTA:

1. Como surgiu a idéia de *Lixo, Vanitas e Morte*?

O livro “Lixo, Vanitas e Morte” é resultado de mais de uma década de trabalhos operacionais e de pesquisa, na área de resíduos sólidos (lixo), que indicaram que os tabus, interdições e preconceitos que acompanham essa nossa produção diária estariam intimamente conectados ao drama humano relativo à finitude e à degenerescência – enfim, à morte. Por outro lado, relacionando lixo e morte, temos a rica tradição da Vanitas (Eclesiastes 1.2), que sugere, entre outras coisas, como são vãos nossos esforços de nos perpetuar por meio de obras, ou de termos o sentido de nossa vida atrelado ao consumo de nossas efêmeras produções. O livro é, portanto, uma reflexão sobre resíduos sólidos e suas conexões com o problema da morte.

2. Pode-se dizer que o Senhor inaugura uma ‘metafísica dos resíduos’, a partir da observação de resíduos sólidos e na medida em que analisa a dimensão filosófica, moral e religiosa do desperdício humano?

Não diria que inauguro uma “metafísica dos resíduos”: primeiro por já existir uma reflexão (ainda que diminuta) sobre o tema; segundo por não trabalhar o assunto de forma sistemática. Como expressa o subtítulo do livro, trata-se apenas de considerações de um observador de resíduos. Mas sem dúvida o trabalho perpassa a discussão filosófica, moral e religiosa, relativa, entre outras coisas, ao desperdício humano.

3. A consciência ecológica humana do não desperdício passa pela formação da consciência moral da pessoa frente aos desafios crescentes da cultura da produção e consumo do efêmero e supérfluo em nossa sociedade?

Penso que o não-apego ao supérfluo e ao consumo do efêmero, o deixar de lado a crença que o acúmulo de bens nos dará paz e felicidade, são passos importantes para uma consciência ecológica. Assim teríamos menos resíduos e agressões ao meio ambiente. Contudo não sou otimista quanto aos resultados que podemos esperar. É preciso buscar esta consciência, este equilíbrio, mesmo diante da possibilidade de poucos resultados. Antes de tudo, como um imperativo moral.

4. De que modo a filosofia pode colaborar na formação desta consciência?

A Filosofia certamente colabora neste trabalho com seu instrumental conceitual e com a reflexão acumulada em seus mais variados campos. Mas como o espaço filosófico é plural, e pelos séculos nele as escolas se confrontam, há que se fazer escolhas entre as várias tradições filosóficas. O ceticismo grego e suas versões modernas de inspiração religiosa dão o tom filosófico a essa reflexão sobre lixo e morte.

5. Tomás de Aquino, em sua doutrina moral, destaca a importância do papel da formação da responsabilidade humana, pautada nos valores da dignidade humana, para a conservação da vida do homem e dos bens comuns da natureza que lhe possam servir para a manutenção da mesma vida e da própria natureza. É atual este pensamento de Tomás de Aquino? O que o Senhor pensa com relação a isso?

Meu trabalho é matizado pela tradição cristã. A primeira citação do livro é João 6.12. Assim, creio que a reflexão de São Tomás sobre as condições para a conservação da vida do homem e da própria natureza é de grande importância. Contudo, julgo ser relevante um esforço no sentido de tornar essa reflexão acessível a um público não originário da área filosófica ou que



não disponha de instrumentos de pesquisa mais acurados. A riqueza do pensamento de São Tomás precisa ser levada aos embates de nosso tempo, para um contexto muito diferente do por ele conhecido. Há um grande espaço, ou mesmo uma grande lacuna na discussão ambiental de posições filosófico-religiosas.